



EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE: UMA PERSPECTIVA INCLUSIVA NO COTIDIANO DE UMA ESCOLA REGULAR DE FORTALEZA.

Autor: Luan Barbosa de Mesquita; Co-autor: Karla Ellen Coelho da Silva

Universidade Estadual do Ceará, luan.barbosa@aluno.uece.br; Universidade Estadual do Ceará, karla.ellen@aluno.uece.br

RESUMO

Este artigo vem com a intenção de abordar e refletir sobre a inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais nas escolas regulares. A pesquisa foi realizada em uma escola de Fortaleza localizada no bairro Demócrito Rocha, onde foram observados pontos importantes não somente em relação à inclusão, mas principalmente com a qualidade com que esse aluno é incluído na escola. Em pesquisa constata-se que a inclusão escolar de um aluno com necessidades educacionais especiais é um processo gradativo e para que aconteça na prática é necessário o comprometimento da família e comunidade escolar em geral. Este trabalho tem a proposta de discutir a Educação Inclusiva e sua diversidade dentro de uma perspectiva ampliada, mostrando que não é somente incluir, é acolher independente de cor, talentos, dificuldades e limitações físicas ou mentais. A discussão sobre inclusão adquiriu novos contornos no final do século passado e desde então, no Brasil, apesar de um volume significativo de definições legais, de políticas e programas relacionados a temática, ainda é bastante atual a existência de alguns obstáculos e desafios que se colocam em face da efetivação de ações educativas inclusivas como um todo, e que trazem questionamentos sobre a escola ser regular e includente; tendo em vista que todas as crianças tem direito a uma educação gratuita e de qualidade. Quando se trata de Educação Inclusiva, muitos são os conceitos e pré-conceitos formados na concepção das pessoas e há pouca flexibilidade para a discussão e busca de novos caminhos para atingir a inclusão com qualidade.

PALAVRAS-CHAVE: INCLUSÃO ESCOLAR, EDUCAÇÃO, DIVERSIDADE.

INTRODUÇÃO

No decorrer da nossa história, podemos perceber o preconceito e discriminação ao qual o homem foi submetido, não somente em relação à raça, cor, sexo, religião, mas um grupo em especial foi discriminado por um aspecto, as pessoas com deficiência. A inclusão é um conceito socialmente construído, e apesar de termos evoluído nosso pensamento e cultura, ainda hoje vivemos um grande processo para que ocorra por completo a inclusão social e principalmente, a inclusão escolar.

Para a realização do atendimento das necessidades educacionais especiais que virão a ser encontradas nos alunos matriculados nas escolas, é necessário aliar o trabalho com a diversidade de forma interativa, onde a comunidade, família, setores/profissionais especializados trabalhem em conjunto, para que o



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

trabalho seja contínuo na escola e em casa. A inclusão requer que as pessoas com necessidades educacionais especiais saiam dos ambientes exclusivos e participem ativamente das classes comuns, com mecanismos que lhe proporcionem situações de equidade e acesso a todos os meios da mesma maneira que os alunos ditos “normais”.

A Constituição da República (1988), a Lei nº 7.853/1989, o Estatuto da Criança e do Adolescente, bem como a Declaração de Salamanca e Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) garantem o direito a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola regular e atendimento educacional especializado de acordo com as necessidades educacionais especiais apresentadas; a fim de reconhecer se isso ocorre na prática, elegemos uma escola de ensino regular da rede privada de Fortaleza e realizamos a pesquisa com o foco na aluna Maria (nome fictício), que possui uma deficiência nos membros inferiores e se locomove através de uma cadeira de rodas.

A realização da pesquisa de campo abrangeu aspectos principais, além dos já citados acima, como a estrutura física da escola, as relações interpessoais entre os membros da escola, a aluna e sua família e principalmente a análise se a escola incluía ou apenas integrava Maria ao seu espaço de convivência; pois a diferença entre incluir e integrar é bastante abrangente. Na inclusão escolar, o esforço é bilateral; a sociedade adapta seus sistemas comuns e preparam-se para melhor exercerem seus papéis de maneira mais satisfatória para si e para todos; na integração, existe aquele processo tradicional de adequação do aluno às estruturas físicas, administrativas e curriculares, pedagógicas e políticas da escola. A integração trabalha o pressuposto de que o aluno precisa ser capaz de aprender no nível pré-estabelecido pelo sistema de ensino, aqui o aluno precisa “mudar”, se adequar a escola e a sociedade, implica um esforço unilateral das pessoas excluídas para se sentirem integradas a sociedade.

Falar de Educação Inclusiva é muito delicado, pois se torna simples no papel e um problema na prática. A inclusão não só depende da capacidade do sistema escolar em buscar soluções para os desafios de colocar diferentes alunos numa mesma sala de aula e proporcionar a eles uma educação que seja também diferenciada, como fazer de tudo para que nenhum aluno seja excluído com base em alguma necessidade especial. Incluir alunos especiais na escola regular, não é somente transferi-los de uma escola para outra, ou seja, além de mudanças na estrutura dos edifícios escolares tem que haver a preparação dos professores para que dêem a assistência necessária a esses alunos, mudanças essas que são necessárias, pois não é possível falar de inclusão sem que haja atitudes de cada unidade escolar e adaptações curriculares.



Ainda são poucos alunos com necessidades educacionais especiais presentes no ensino regular na rede pública e privada; com a ressalva de que não é apenas o aluno estar presente na escola, mas sim a aprendizagem que deve ser priorizada, que na maioria das vezes é prejudicada pela falta de uma estrutura correta nas escolas, o mau preparo de professores, entre outros fatores que afetam a educação como um todo. Segundo Mantoan (2000), a inclusão não é simplesmente inserir uma pessoa na sua comunidade e nos ambientes destinados a sua educação, saúde, lazer, trabalho. Incluir implica acolher a todos os membros de um dado grupo, independente de suas capacidades e peculiaridades; é considerar que as pessoas são seres únicos e diferentes uns dos outros, e, portanto, sem condições de serem categorizados. Guiados por pensamentos semelhantes ao da autora citada acima, procuramos na escola, a partir do ponto de vista de todos os envolvidos e do que foi observado, se a escola reconhece e responde as necessidades de seus alunos, acomodando tanto estilos como ritmos diferentes de aprendizagem, assegurando uma educação de qualidade a todos através do currículo apropriado, modificações organizacionais, estratégias de ensino, uso de recursos e parcerias com a comunidade; pois a escola é um dos primeiros lugares onde a igualdade deve ser colocada em prática.

METODOLOGIA

O artigo foi elaborado a partir de uma pesquisa de campo de cunho qualitativo em uma escola privada da rede regular de ensino localizada no bairro Demócrito Rocha, Fortaleza – CE; os sujeitos investigados para a realização deste trabalho foram Maria, sua mãe, sua professora, sua melhor amiga da escola e a gestão escolar por meio de entrevistas, abordando os aspectos principais da convivência da aluna no decorrer do cotidiano escolar. Para além das entrevistas, foi realizada a observação do ambiente escolar em geral, como a estrutura física do prédio e as relações que ocorrem dentro da escola com os sujeitos envolvidos, se a escola é realmente inclusiva, não só na teoria e se a aluna está inclusa e não integrada no ambiente e nas atividades desenvolvidas pela instituição escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

ENTREVITAS

A partir da entrevista realizada com a gestão escolar, obtivemos como resposta da diretora da escola que para ela todos somos iguais perante a lei e que as crianças, adolescente ou adulto, seja ele qual dificuldade possuir, tem direito a educação e que tanto ela quanto a escola em geral, precisam dar boas vindas a esse aluno sem



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

questionar suas possibilidades ou dificuldades. Relatou que primeiramente a escola deve estar adequada à criança, respeitar os limites do educando e desenvolver uma real integração para a vida em comunidade. A escola possui três alunos com necessidades especiais, todos do Ensino Fundamental: um no 1º ano que possui Síndrome de Down, um do 4º ano que é autista em baixo grau e Maria do 7º ano que possui uma distorção dos membros inferiores; e deixou claro que a escola tem como atendê-los. A diretora deixa explícito ainda que apesar da escola oferecer os mecanismos ditos necessários para atender os alunos, ainda há um longo caminho pela frente e que é um dever da Instituição Escolar incluir esses alunos a fim de formá-los e prepará-los para uma vida social plena. Em sua opinião, não acha correto a existência de escolas especiais onde acontece a segregação dos alunos deficientes, que são retirados do convívio social para se fechar em um lugar com outras crianças que possuem alguma necessidade educacional especial; assim, não há desenvolvimento nem para os alunos especiais nem para as crianças ditas normais, pois a autonomia, o pensamento e o psicológico ficam comprometidos. Finalizando sua fala, a diretora disse que tanto ela, como todos os profissionais da escola, sentem-se agradecidos com esses alunos estudando na escola e percebe o quanto é bom ver as outras crianças ajudando-os com o lanche, com a mochila, conversando e brincando. Certamente as outras crianças não terão preconceito com o colega que possui deficiência, pois desde cedo trabalham a tolerância com o outro.

Na entrevista realizada com a professora (Língua Portuguesa) de Maria, obtivemos como resposta que apesar da deficiência nos membros inferiores e sua dificuldade para se locomover, isso não a impede de estudar e desenvolver sua capacidade intelectual; deixando claro que gosta muito da aula e que ela sempre trás um dinamismo para as aulas. Relatou-nos também que o relacionamento de Maria com os colegas de sala é ótimo, todos gostam muito dela, a apoiam, incentivam e sentem bastante sua falta quando por algum motivo ela necessita faltar. Quanto ao aprendizado e assimilação dos conteúdos, a aluna não deixa a desejar e possui dificuldades como qualquer outra criança. Não existe diferença, todos a tratam com respeito e concluiu sua fala nos dizendo: “para mim é uma experiência gratificante, enriqueço meu currículo à medida que também aprendo com ela. A turma melhorou depois que Maria veio para o 7º ano B, pois a inclusão é a chave para a vida tolerante e sem preconceitos diversos pelo diferente.”

A mãe de Maria nos relatou em sua entrevista que sua filha estuda na escola desde os três anos de idade; ela não teve problemas quando foi matriculá-la. Mesmo sabendo que a adaptação não seria fácil, hoje ela percebe que com o decorrer dos anos a escola se molda cada vez mais para melhorar e acolher os alunos



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

portadores de deficiência seja físico ou mental. Recordou-se de uma professora que ensinou Maria a ler, não foi fácil, mas que elas conseguiram vencer e foi emocionante ver na festa do ABC sua filha lendo uma homenagem para todos. Disse-nos também que a cada vitória da filha, é uma vitória para ela e para a escola que acompanha didaticamente seus avanços escolares. Durante a entrevista ela quis nos contar um fato sobre Maria, que na época em que necessitou usar botas ortopédicas, ficou triste e receosa pelo que os outros iriam pensar, mas que com a ajuda da família, dos professores e dos colegas isso hoje já não é mais problema. Concluindo sua fala, ela nos disse que tem plena confiança na escola e apóia e inclusão de mais alunos portadores de deficiência nas escolas regulares. Quanto ao desafio a ser alcançado, ela acredita que seja a mudança das pessoas que ainda acham que tem de existir separação entre alunos ditos “normais” e com deficiência, ditos especiais.

Na entrevista realizada com a melhor amiga de Maria, ela nos conta que é sua amiga desde pequena e na sala de aula a maioria das crianças adora ela; ela sente muita falta quando Maria precisa faltar aulas, apesar de saber que é por conta do tratamento que está fazendo para melhorar, ela fica com muita saudade e que quando sua amiga vai à sua casa é uma festa, sua mãe até faz bolo e suco. Ela afirma que na sala de aula todos gostam e brincam com ela, mas alguns só olham e não querem conversar. Antes alguns alunos faziam brincadeiras sem graça com ela, diziam que ela andava devagar e que era uma tartaruga, mas agora não fazem mais isso. Segundo a aluna, a presença de Maria é importante porque ela gosta de conversar e estudar com a amiga, e ela gostaria muito que ela ficasse boa e não precisasse faltar mais aulas.

Na entrevista realizada com a própria Maria, a aluna disse que ama a sua escola e seus amigos; que faz de tudo para não faltar as aulas, mas às vezes não consegue evitar devidas suas consultas médicas. Fala que seus colegas são muito legais e compram o lanche para ela enquanto ela os espera no pátio da escola. Disse também que não gosta de matemática, pois no ano anterior ficou para recuperação na matéria e que a disciplina que mais gosta é ciências. Seu maior sonho é ser médica veterinária para cuidar de todos os animais.

OBSERVAÇÕES

Quando se trata de Educação Especial, especificamente relativa às pessoas com alguma deficiência, busca-se constantemente atingir a qualidade para todos os envolvidos e principalmente dar oportunidade aos alunos de desenvolvimento de acordo com as suas necessidade e individualidades. O direito dos alunos com necessidades educacionais especiais é garantido pela Constituição Federal de 1988; no artigo



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

208: “O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: III – atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino.” A maioria das escolas privadas da rede regular de ensino, ainda hoje, cria dificuldades para realizar a matrícula de crianças com alguma necessidade educacional especial, favorecendo-se de uma pequena brecha na constituição, onde se lê “preferencialmente” ao invés de obrigatoriamente.

Segundo Rodrigues (2010), a educação inclusiva é um processo de adequação das escolas a realidade de diversidade humana. A inclusão se baseia em princípios como: a aceitação das diferenças individuais como atributo e não como obstáculo; valorizar cada pessoa como ela é e a convivência dentro da diversidade humana. Podemos ver esses aspectos presentes a partir de relatos das entrevistas onde a mãe da aluna ressalta que desde a entrada da sua filha na escola, ela percebe que a instituição vem se moldando para melhor atender as crianças com alguma necessidade educacional especial e deixa claro a riqueza trazida para a escola seus alunos pela diversidade encontrada nas relações entre os seus integrantes.

Apesar dos gestores e de algumas facilidades de mobilidade na escola, ainda há muito que ser feito, pois as rampas de acesso existentes, e banheiros adaptados estão somente no primeiro andar, o que impede a locomoção e acesso de alunos com deficiências a outras áreas de ensino como o laboratório de ciências, laboratório de informática, sala de vídeos e biblioteca. Os outros ambientes da escola são centralizados, de fácil acesso e amplos para que possam ser utilizados por todos, como o espaço para lazer e recreação onde há varias atividades abrangendo todos os alunos com bastante descontração.

Todos os dias, antes do inicio das aulas, a escola proporciona uma acolhida com musicas, alongamento e relaxamento para os alunos; a instituição não dispõe de cuidadores para os alunos com necessidades educacionais especiais, os professores têm auxiliar de sala que se encarregam do papel de acompanhar esses alunos. Apesar das dificuldades a escola se propõe a fazer o possível para atender todos os alunos com suas especificidades.

O ambiente escolar tem para com os alunos, principalmente os alunos com necessidades educacionais especiais, a tarefa de preparar o aluno para situações além da aprendizagem formal e das que ele vivencia em casa, para melhor socialização e desenvolvimento de habilidades e autonomia. Mel Ainscow, especialista em necessidades educacionais especiais, disse compreender o processo de inclusão na escola em três níveis:

Eu compreendo a inclusão como um processo em três níveis: o primeiro é a presença, o eu significa, estar na escola. Mas não é suficiente o aluno estar na escola, ele precisa participar. O segundo, portanto, é a participação. O aluno



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

pode estar presente, mas não necessariamente participando. É preciso, então, dar condições para que o aluno realmente participe das atividades escolares. O terceiro é a aquisição de conhecimentos – o aluno pode estar presente na escola, participando e não aprendendo.

A partir da fala da professora de Maria, podemos perceber o quanto ela considera importante a participação da aluna em toda a aula e não só a sua presença na sala, preocupando-se sempre se a aluna esta assimilando o conteúdo e a qualidade de seu aprendizado.

CONCLUSÃO

A educação inclusiva é de extrema importância para a educação de todos os envolvidos nesse processo de construção de uma sociedade consciente de que somos todos iguais em direitos. Escolas excludentes, além de estarem em um caminho contrário ao que buscamos para a melhoria da desconstrução de preconceitos, perdem um precioso material que não se encontra nos livros, mas somente na prática, que é o aprendizado da tolerância, da convivência fraterna entre todos e da construção do caráter de forma a abranger todos como iguais e isso perdurará por toda vida de quem participa dessa formação.

Atualmente ainda temos que manter uma luta constante pela pratica da ética, respeito e formação humana; valores como esses precisam estar presentes na educação desde as séries iniciais; é necessário abranger os conhecimentos de todos a fim de desmistificar a ideia de que a criança que possui alguma necessidade educacional especial não consegue acompanhar turmas de alunos ditos “normais”; é possível e notável a qualidade do ensino inclusivo em salas de aula de escolas regulares.

Um professor que tem a experiência de trabalhar em uma escola/sala de aula inclusiva tem a oportunidade de vivenciar experiências únicas tanto para o lado profissional como pessoal, podendo através de suas aulas, ensinar seus alunos a promover a igualdade e respeito, para que assim, a transformação de nossa sociedade em relação a inclusão, não seja algo ainda distante e se torne, como já deveria ser, algo essencial, para que não seja mais necessário, em nenhum momento ou ambiente, alguém sofrer com o preconceito vindo do outro.

REFERÊNCIAS

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

ANDRÉ, Marli E. D. A. **Estudos de caso: Pesquisa e Avaliação educacional**. Brasília: Líder Livro Editora, 2005.

BRASIL, Constituição – 1988: **República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

COVAS, Mario. Centro de Referência em Educação (CRE). **Processo de inclusão e um processo de aprendizado**. Disponível em: <http://www.crmmariocovas.sp.gov.br>. Acesso em: 01 de janeiro de 2016.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar de deficiências mentais: formação de professores**. In: **A integração de pessoas com deficiência**. Contribuições para uma reflexão sobre o tema. São Paulo, Memnon, 1997.

RODRIGUES, Marli de Oliveira. **Educação Especial**. Unesp. Publicações, 2000.